



Ministério da Educação  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM  
Nº 01 – Ano I – 05/2012  
[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

## **Caminhos do turismo em Diamantina: a relação com a origem mineradora, a cultura e o título de patrimônio cultural da humanidade**

Prof. Dr. Carlos Eduardo Silveira  
Departamento de Turismo da Universidade  
Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM  
E-mail: [cae.silveira@ufvjm.edu.br](mailto:cae.silveira@ufvjm.edu.br)

Profª. MSc. Juliana Medaglia  
Departamento de Turismo da UFVJM  
E-mail: [juliana.medaglia@ufvjm.edu.br](mailto:juliana.medaglia@ufvjm.edu.br)

Nauê Gonçalves Bulhões  
Bacharel em Turismo pela UFVJM  
E-mail: [nauegb@gmail.com](mailto:nauegb@gmail.com)

Ronaldo Flaviano de Souza Junior  
Bacharel em Turismo pela UFVJM  
E-mail: [ronaldsouza\\_rj@hotmail.com](mailto:ronaldsouza_rj@hotmail.com)

**Resumo:** Os primeiros registros sobre Diamantina remontam ao século XVII quando bandeirantes buscaram a região do Serro para prospecção de ouro. A descoberta posterior do diamante desencadeou um protagonismo a Diamantina no Império Português, gerando as bases para a consolidação do acervo colonial e do modo de vida singular. Estas consequências foram causa de outro processo, a declaração de Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, que favorece a preservação do patrimônio e o crescimento do turismo cultural. Este artigo busca discutir, de forma exploratória, a relação do desenvolvimento histórico do núcleo com o atual ciclo do turismo, colocando a cultura como elo entre as atividades do garimpo e do turismo. Conclui-se que a declaração de Patrimônio Cultural da Humanidade foi consequência do processo histórico, mas causa da estruturação turística, além de incentivo a outras iniciativas.

**Palavras-chave:** Diamantina, Mineração, Cultura, Patrimônio, Turismo.

## **Introdução**

A cidade de Diamantina se destaca pela marcante presença da arquitetura colonial, a maior parte desta hoje em dia protegida pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional–IPHAN, o que contribui fortemente para sua preservação e conservação. Tal preservação, aliada aos recursos estéticos, históricos e artísticos das construções foram reconhecidos como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura–UNESCO e servem como atrativos para o turismo, confirmando o que menciona Portuguez (2004) que no limiar do século XXI, as cidades coloniais se encontram cada dia mais associadas ao turismo, e que sua função turística vem sendo reforçada nos últimos anos, aumentando a simbiose entre cidade e turismo.

Interessantemente, o acervo arquitetônico e a imagem cultural de Diamantina como destino turístico não foram intencionais, mas sim consequências do controle no desenvolvimento de um núcleo de extrativismo mineral surgido durante o Império Português no Brasil e mantido em função de sua singularidade e isolamento. É curioso notar que o extrativismo mineral gera a singularidade do local e esta atrai o turista. O que se percebe é que a cultura resultante das características e da evolução histórica de Diamantina é ponte entre esses dois ciclos migratórios, um que deu origem à localidade e outro que a visita atualmente.

Dessa forma, o intuito deste artigo é, com base em fontes secundárias, elencar elementos e fatos que contribuam para a discussão da evolução da atividade turística na cidade de Diamantina, para que, considerando que atualmente o turismo é tido como fonte de renda e desenvolvimento para o município, se lance mão de um enfoque aproximado a um estudo de caso, com caráter exploratório, que permita flexibilidade suficiente para discutir o tema sem necessariamente partir de hipóteses pré-estabelecidas.

O principal objetivo deste artigo é relacionar o processo de ocupação e consolidação da área onde hoje se encontra Diamantina, movido pela expansão mineradora, com o atual cenário propício ao desenvolvimento turístico, tendo como marco principal a outorga do título de Patrimônio da Humanidade, pela UNESCO, em 1999. Contudo, como esses três pilares, i.e. garimpo, patrimônio e turismo, não surgiram desvinculados, propõe-se como objetivos específicos descrever os

processos históricos que levaram a consolidação de Diamantina enquanto destino turístico, bem como ao surgimento de uma cultura singular, digna de reconhecimento internacional.

## 1. Caminhos do turismo em Diamantina

A fim de entender como se dá o turismo e as áreas que o complementam, se faz necessário voltar o olhar para a economia de Diamantina desde os seus primórdios, quando a cidade ainda se baseava no extrativismo de pedras preciosas.

Foi principalmente a mineração que contribuiu para a formação das características do local e de seu povo, características essas que são recursos significativos para o desenvolvimento turístico da atualidade.

A história de Diamantina se inicia em meados de 1678, quando chega ao Rio Jequitinhonha a bandeira de Fernão Dias Paes na busca de minerais e pedras preciosas. Porém foi somente mais tarde, no início do século XVIII, que Antônio Soares e Manuel Corrêa Arzão descobriram tais riquezas na região que era denominada pelos nativos de “Hivituruí<sup>1</sup>”, posteriormente rebatizada pelos brancos de Serro Frio. A fama das lavras de ouro se espalhou, e a região passou a atrair diversos aventureiros de todos os cantos (MATA MACHADO FILHO, 1944).

Foi o grupo de Jerônimo Gouvêa que saiu em direção ao norte, seguindo o curso do Rio Jequitinhonha, e chegando até a confluência do córrego Piruruca e o Rio Grande, que se fixou no local, dando início ao então Arraial do Tijucu. Neste local foi encontrada grande quantidade de ouro, fazendo com que ali se fixassem os primeiros moradores, que denominaram o local de Burgalhau. Até então, só se tinha conhecimento das lavras de ouro na localidade, sendo que a descoberta dos diamantes na bacia do Jequitinhonha se deu entre os anos de 1719 e 1722. Segundo Santos (1976, p. 49) “não é menos difícil dizer quem fora o primeiro descobridor, ou antes o primeiro conhecedor dos diamantes entre nós”, pois segundo menciona o autor há pelo menos duas versões para tal descoberta. Uma

---

<sup>1</sup> Segundo o histórico do Município do Serro disponível no IBGE (em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=316710>, acesso em 17 de fevereiro de 2012) “Os índios denominavam o lugar de Hivituruí, ou seja, Grande Serro do Frio, como passou a ser conhecido. Mais tarde, o topônimo foi mudado para Arraial das Lavras Velhas do Hivituruí, posteriormente Vila do Príncipe, atualmente Serro”.

delas atribui a Bernardo da Fonseca Lobo a descoberta e a comunicação à Coroa, e outra atribui o reconhecimento das pedras a um frade cujo nome se desconhece, mas que veio ao Tejuco depois de ter estado em Golconda, na Índia, onde, já se minerava o diamante.

O comunicado da descoberta das jazidas dos diamantes à corte só foi feita no dia 09 de Fevereiro de 1730, através da carta régia, ainda que a exploração já acontecesse sem o conhecimento da população acerca do minério. Mesmo com o estranhamento na demora de tal comunicado, o Rei de Portugal, deu à D. Lourenço de Almeida poderes amplos e ilimitados para regular e controlar a exploração dos diamantes (SANTOS, *op cit*). No mesmo ano a Coroa promulgou o primeiro regimento, onde declarava os diamantes propriedade real. Qualquer pessoa que tivesse interesse em explorá-los deveria submeter-se às regras impostas, de pagar um imposto de cinco mil réis por escravo empregado naquele tipo de trabalho, além da exportação dos diamantes para a Europa só ser permitida em navios portugueses, cada um pagando um frete correspondente a 1% do valor da carga.

Devido à grande sensibilidade no preço dos diamantes, em 1734, o preço havia diminuindo muito, fazendo com que a coroa tomasse medidas que limitassem a extração e controlassem o contrabando, ficando suspensa a exploração das lavras de 1734 a 1739 (MATA MACHADO FILHO, 1944).

A mineração de diamantes voltou a ser permitida somente no ano de 1739, sob o regime dos contratos, pelo qual os contratadores detinham o direito de garimpar e cobrar alguns impostos, impossibilitando qualquer outra pessoa possuir lavras ou garimpo nas terras do Arraial do Tijuco.

Quando as lavras foram reabertas em 1739, passaram a ser monopólio particular de um contratante, ou consórcio de arrematantes, que por concessão privilegiada compravam da Coroa o direito de extração do diamante em todo o território demarcado. Estes contratadores adquiriram uma riqueza incalculável e um poder enorme, sonhando da coroa grande parte do que extraíam, sendo quase impossível indiciá-los por seus crimes. (FURTADO, 2008, p.26)

Os contratadores podiam minerar no perímetro demarcado, pagavam duzentos e trinta mil réis por tais atividades e podiam ter até seiscentos escravos trabalhando nas lavras. O primeiro contrato para a exploração dos diamantes, que vigorou entre o período de 1º de janeiro de 1740 a 31 de dezembro de 1743, foi o de João Fernandes de Oliveira em sociedade com Francisco Ferreira da Silva

(SANTOS, 1976) e foi nessa importante fase da história do Tejuco que a população aumentou, o comércio se desenvolveu, templos e outros edifícios importantes foram construídos, graças à moderação do contratador, mesmo com a realidade do garimpo e do contrabando. O contratador não perseguia os garimpeiros e parecia tolerar o contrabando, e com isso muitos se enriqueceram, vivendo no luxo e na opulência. Dominava o espírito frívolo do século XVIII, na elegância dos trajés, no requinte das maneiras e nas regras do bom tom (SANTOS, *op cit*). Por ordem do Marquês de Pombal em 21 de novembro de 1761, o contratador João Fernandes, figura importante da história, marido da lendária Chica da Silva, ficou denominado sócio de seu pai também com o nome João Fernandes de Oliveira, detendo, somente eles, poderes de contratador.

As igrejas em Diamantina, é certo, foram erguidas graças ao ciclo do ouro e do diamante, pois como se pode notar em todo o estado de Minas Gerais, só as cidades tri seculares que passaram pelo extrativismo é que possuem diversos templos em estilo barroco. A exploração de metais e pedras preciosas, também favoreceu a criação de acervos e bens culturais como pinturas com representações religiosas, retábulos e imagens. Independente do tamanho do templo, no momento das construções destes, sempre se buscava o máximo de apuro e elegância possível (MIRANDA, 2009).

A exploração dos diamantes não dependia de grandes investimentos, e possibilitava o enriquecimento de uma pessoa da noite para o dia, então muitos garimpeiros afortunados, e sem ter onde gastar seu dinheiro devido a precariedade do comércio no Arraial do Tijuco, acabavam construindo seus próprios templos, ou contribuindo para a construção dos mesmos, e quanto maior e mais suntuosa a construção, maior era a expressão de poder e prestígio da pessoa ou de membros de uma irmandade<sup>2</sup> (MIRANDA, *op cit*).

Nesse contexto, é possível observar que as igrejas da cidade são bastante diferenciadas das outras construções coloniais do estado. Tal fator se deve ao isolamento pelo qual a área diamantífera viveu durante muitos anos, dificultando um intercâmbio cultural e fazendo com que estas construções sofressem pouca ou

---

<sup>2</sup> De acordo com Souza Jr (2011) irmandades podem ser consideradas associações leigas que tinham vínculo com o universo religioso, mas sem subordinação à estrutura da Igreja Católica formal. O termo acaba incorporando outras formas de associação, como, por exemplo, as ordens terceiras, confrarias e arquiconfrarias, ainda que essas tenham especificidades institucionais.

nenhuma influência de outros templos erguidos em outras cidades (SOUZA JR, 2011). Uma vez que em 1771, a Coroa portuguesa instituiu no Arraial do Tijuco a Real Extração, com o objetivo de monopolizar todo o diamante presente no local, restringindo a entrada de pessoas e controlando a saída dos mesmos, evitando o contrabando de diamantes. Tal regime durou até 1841 quando foi totalmente extinta, abrindo as portas do Arraial para quem desejasse garimpar na cidade (RABELLO, 1997). Se por um período as estradas de acesso à localidade eram difíceis e vigiadas, em outro elas foram melhoradas e incentivadas, além do comércio entre as cidades próximas, que aumentaram e se desenvolveram significativamente. Além do fato de que a região dispunha de matérias primas diferenciadas das outras regiões, como é o caso da pedra sabão, muito utilizada nos templos da região do ouro, e pouco utilizada em Diamantina, devido à quase inexistência desse material no local, fazendo com que os construtores se utilizassem dos recursos presentes no lugar (MIRANDA, 2009).

Outro fator que também pode ter contribuído para a diferenciação das construções e intensificado a singularidade do conjunto, foi a repressão pela qual o Arraial do Tijuco passou por parte de Portugal após o terremoto de Lisboa, quando a coroa se tornou mais rígida quanto ao controle do ouro, e impôs severas restrições na arquitetura e nas construções, nos acabamentos esmerados, ataviados com ouro.

A administração opressiva deu-se durante a reconstrução de Portugal depois de um forte terremoto. Sobretudo o Tijuco tomou-se alvo de sistemática intervenção e repressão. Impediram-se obras de maior vulto e acabamento suntuoso, em ouro. A fiscalização impertinente passou a taxar com pesados ônus as construções que estivessem fora do padrão simples. Aquelas com mais requinte eram regamente penalizadas ou embargadas e, em algumas situações, o proprietário era espoliado e afligido com castigos. (CRUZ, 2008 p.45)

Confirmando seu desenvolvimento, em 1831, o então Arraial do Tijuco foi elevado à categoria de Vila e algum tempo depois, em 1838, passou a ser considerado município, sendo então chamado de Diamantina (MATA MACHADO FILHO, 1944). Pouco depois a vinda do catolicismo institucional para a cidade aconteceu 1857, impedido anteriormente pela Coroa, o que incentivou a construção de várias obras sociais no local.

Outro período que marcou fortemente a economia da cidade foi uma severa crise entre as décadas de 1860 e 1870, devido à acentuada queda no preço dos

diamantes em consequência da descoberta de novas jazidas na África do Sul. Com isso, as pessoas do local se viram preocupadas em encontrar alternativas de renda e se preocuparam em utilizar melhor seus recursos naturais e, então, passaram a investir ainda mais no transporte e na melhoria da cidade (MARTINS, 2008).

No fim do Século XIX e início do século XX, implementaram-se as bases da economia da cidade com pequenas indústrias, principalmente no setor têxtil.

Por ter um solo que praticamente inviabiliza a atividade agropecuária em larga escala, diferentemente das outras cidades mineiras, Diamantina encontrou na indústria de tecidos sua alternativa de sobrevivência econômica. Foi instalado então em Diamantina e região um complexo industrial de importância e magnitude consideráveis para aquele momento histórico – a construção de três grandes cotonifícios industriais: a Fábrica de Biribiri, a Fábrica de São Roberto e a Fábrica de Santa Bárbara, todas pertencentes à Igreja. (MAGNANI, 2008. p.30 e 31)

A cidade também se beneficiou no que se refere ao comércio por sua localização geográfica, já que no Alto Jequitinhonha, Diamantina era a cidade mais desenvolvida na época, tendo em vista que das cidades da região era a que possuía melhor sistema viário, além de estar localizada no entroncamento de acesso ao norte de Minas Gerais, tornando-se assim um importante núcleo urbano.

Já no início do século XX, Goodwin Jr. (2007, p.67) afirma que “havia um consenso geral de que a cidade merecia e precisava de vários melhoramentos urbanos e do desenvolvimento econômico e social”, sendo apoiado pelos principais políticos da região.

No período de 1830-1930, os líderes políticos diamantinenses tiveram como principais preocupações: a) a abertura de estradas de rodagem no Alto Jequitinhonha e a construção de ramal ferroviário que alcançasse a cidade; b) o controle da Administração dos Terrenos Diamantinos, impedindo sua transferência para a nova capital; c) a atração de órgãos públicos estaduais e federais para a cidade, reforçando o peso político-administrativo de Diamantina no Norte mineiro e; d) a viabilização de recursos para obras de melhoramentos urbanos na “Atenas do Norte”. (MARTINS, 2008, s/p)

Vislumbrando mais progresso para a cidade, a possível construção de uma ferrovia que ligaria Diamantina ao Rio de Janeiro e a diversas outras cidades, fez crescer a esperança de desenvolvimento do local. Josefino Vieira Machado correspondente do jornal ‘O Jequitinhonha’ em 1868, externava a ansiedade em usufruir dos benefícios que o transporte ferroviário traria ao local, e este discurso se acentuou na cidade com a chegada da ferrovia no ano de 1914 que facilitaria o transporte de cargas e pessoas da cidade a outros municípios, e que também traria

visitantes ao local. Porém, com a implementação da rede ferroviária no final de 1920, a importância da cidade diminuiu frente a outros municípios que se viram igualmente na oportunidade de se desenvolverem com a chegada da linha férrea aos seus municípios (GOODWIN JR, 2007). Além disso, a indústria têxtil já não estava mais indo tão bem devido à reduzida importância das pequenas indústrias frente às grandes indústrias têxteis que surgiram no Estado e país (MARTINS, 2000). A expansão viária, entretanto influenciaria futuramente a acessibilidade da cidade, e, como consequência, a atratividade. Além disso, paralelamente ao forte desejo de desenvolvimento, Diamantina recebeu do IPHAN o título de Patrimônio Histórico em 1938, sendo feito pelo órgão o tombamento de parte da cidade, favorecendo assim a preservação dos casarões, templos e construções coloniais que a cidade possui, o que repercutiu de forma decisiva no conjunto arquitetônico que hoje está entre os principais atrativos da cidade para os turistas.

Houve outros fatores que incentivaram a visita em Diamantina e sua projeção no século passado. Em 1944, foi construído em Diamantina pelo governo do Estado, a Praça de Esportes Diamantina Tênis Clube. Conforme mencionam Fernandes e Conceição (2005, p.10), se por um lado o nome da cidade começa a despontar nos esportes, “por outro tornava ainda mais evidente uma das maiores deficiências da cidade: sua incapacidade de hospedagem”.

Ainda para os autores, a carência na infraestrutura de hotéis não se evidenciava apenas nos eventos esportivos, mas também quando a cidade necessitava receber personagens ilustres, ou quando recebia algum evento importante, a saída para suprir a necessidade de leitos, era a população local receber dentro de suas próprias casas estes visitantes.

No período após a Segunda Guerra Mundial, as cidades brasileiras iniciaram um período de necessidade de acentuar a sua modernização (MELLO, 1996). Acompanhando o setor hoteleiro, outras áreas da cidade como telefonia, estradas de acesso e entidades que gerassem empregos, também necessitavam ser desenvolvidas para acompanhar o ritmo de modernização do Brasil estava vivendo em seu período pós-guerra (FERNANDES e CONCEIÇÃO, 2005). Uma grande oportunidade para a melhoria nos ambientes frágeis da cidade surgiu quando o diamantinense Juscelino Kubitschek de Oliveira, foi eleito governador do estado de Minas Gerais no ano de 1951. O então governador do Estado, já tinha sido

reconhecido pelo progresso que levou à cidade de Belo Horizonte enquanto prefeito da capital mineira.

Prefeito de Belo Horizonte, JK realiza obra tão notável, que seu prestígio é projetado até para fora do país. Rasga largas avenidas, asfalta as ruas e as avenidas Afonso Pena, Santos Dumond, Paraná e outras. Abre todas as saídas da capital mineira, constrói moderna rede de esgotos, canaliza água, cria diversos bairros, abre rede subterrânea de luz e telefone, esburaca toda a cidade, transforma-se no “Prefeito Furacão” ou “Prefeito Tatu”. (HELIODORO, 2005, p.132)

Os diamantinenses, vislumbrando as oportunidades que poderiam ter enquanto um nascido na cidade governava todo o Estado, começaram a fazer reuniões com o então governador, visando melhorias para o município, sendo a criação de um hotel, um dos principais focos destas reuniões. O governador se prontificou imediatamente em construir um hotel na cidade como apresentado na ata da Associação Comercial e Industrial de Diamantina, de 21 de março de 1951:

Anunciada a construção de um Hotel Turismo para Diamantina, objeto de aspiração da Associação Comercial, assunto exaustivamente discutido durante suas reuniões. [...] Franca a palavra, o Sr. Presidente declarou que em palestra com o Governador Juscelino Kubitschek, que é de sua aspiração a construção de um Hotel Turismo nesta cidade e que esta aspiração sempre foi debatida no seio da nossa Associação. Agora podemos contar certo com esse sonho que será uma verdade, na boa vontade que demonstrou Juscelino. Será na casa e terrenos do espólio do Sr. Cosme Couto (FERNANDES e CONCEIÇÃO, 2005, p.12)

Com a queda da mineração e o baixo dinamismo do setor comercial e de serviços, mas com um novo hotel, Diamantina passou a enxergar no turismo possibilidades para o desenvolvimento e crescimento do município. No ano de 1977, em um convênio entre diversos órgãos públicos do Estado de Minas Gerais, foi criado o Circuito dos Diamantes, “nesta época, o Circuito dos Diamantes abrangeria somente Diamantina e era uma forma de preparar e preservar a cidade para o turismo, mas os trabalhos só foram concluídos e editados pela Fundação João Pinheiro em 1980”<sup>3</sup>. O interesse no setor aliado a vocação da localidade para o turismo, devido ao seu acervo histórico e cultural, fez com que a atividade começasse a se desenvolver, ainda que timidamente e com uma sazonalidade grande, já que a cidade recebia maior fluxo de visitantes apenas em determinadas épocas do ano, como nos festejos religiosos, carnaval e eventos culturais isolados.

---

<sup>3</sup> Disponível em <<http://www.circuitodosdiamantes.tur.br/historico+circuito.php>> Acesso em 17 de jun de 2011

No ano de 1999 a cidade ganhou um novo impulso para o turismo quando decidiu se candidatar ao título de Patrimônio Cultural da Humanidade. No mesmo ano a UNESCO concedeu o título à cidade, fazendo com que a mesma entrasse para o cenário mundial<sup>4</sup>.

## **2. A inscrição de Diamantina na lista de patrimônio mundial da UNESCO**

Com o título de Patrimônio Cultural da Humanidade que recebeu da UNESCO, Diamantina torna-se um bem da população mundial pela riqueza e importância de sua cultura lapidada pelas características do povo, da localidade e do desenvolvimento histórico. Esse título faz com que o turismo no destino se destaque e necessite se desenvolver para atender os requisitos exigidos pelo órgão. Desde então o destino tem, paulatinamente, se estruturado, trabalhado e estudado para desenvolver e implementar o turismo e dele obter benefícios e reconhecimento.

Diamantina foi inscrita na Lista do Patrimônio Mundial no ano de 1999 sob os critérios II e IV da Convenção, haja vista que:

Pouco mudou, em parte, graças às condições do meio: a escarpa da Serra dos Cristais revela um singular contraste entre a potência da natureza e a delicadeza do casario. (...) Na arquitetura predomina a simplicidade, cores vivas nas portas e janelas, treliças e muxarabis. As ruas têm as tradicionais capistranas, calhas que facilitam o escoamento das águas e a caminhada dos transeuntes. (BRAGA e MACHADO, 2010, p. 38)

Ao analisar as diversas fontes utilizadas para esse trabalho é possível afirmar que seu conjunto urbano é precioso testemunho da adaptação de modelos europeus a uma cultura original, tão perfeitamente integrada à paisagem severa e grandiosa. De acordo com o IPHAN (2011) <sup>5</sup>

O conjunto arquitetônico e urbanístico de Diamantina acha-se bastante preservado, sendo possível reconhecer no seu atual desenho a planta do núcleo urbano consolidado no século XVIII. A cidade apresenta não só monumentos significativos para a história da Arte e Arquitetura dos séculos XVII, XVIII e XIX, mas também do século XX se faz presente por meio de obras do arquiteto Oscar Niemeyer.

---

<sup>4</sup> Disponível em <[http://www.braziltour.com/heritage/html/pt/pc\\_pch.php](http://www.braziltour.com/heritage/html/pt/pc_pch.php)> Acesso em 20 de jun. de 2011.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=12646&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>> Acesso em: 26 de jul. de 2011

Diamantina foi declarada Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO com a intenção de reconhecer o valor dos seus bens e insistir em sua preservação e sua promoção, no que diz respeito à difusão de conhecimentos.

O Jornal Hoje em Dia publicou uma edição especial sobre Diamantina, em formato de revista, em fevereiro de 2000, na qual se encontram informações gerais sobre a cidade, um pouco da sua história, cultura, gastronomia, seus personagens e como se deu o processo de declaração pela UNESCO:

<b>EVENTOS DA CAMPANHA DIAMANTINA PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE</b>			
<b>ATIVIDADES</b>	<b>LOCAL</b>	<b>DATA</b>	<b>PATROCÍNIO</b>
Instalação da Comissão por Diamantina Patrimônio da Humanidade – CDPH	Diamantina	17/03/1997	Prefeitura de Diamantina
Assinatura de convênio entre o IEPHA, o IPHAN e a Prefeitura para a elaboração do Dossiê à UNESCO	Belo Horizonte	12/08/1997	Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais
Lançamento do Programa Nacional de Turismo Cultural – Ministério da Cultura	Diamantina	16 e 17/08/1997	Lei Rouanet/Telemig
Ato solene de Irmanação entre as cidades de Brasília e Diamantina	Brasília	19/12/1997	Jornal Hoje em Dia
Apresentação do Documentário à UNESCO “Diamantina, a riqueza de um patrimônio”	Diamantina	19/02/1998	CEMIG
Ato solene de Irmanação entre as cidades de Brasília e Diamantina	Diamantina	28/03/1998	Lei Rouanet/Telemig
Elaboração do Dossiê Cultural, Histórico e Arquitetônico de Diamantina	Diamantina	Abril/junho/1998	Ministério da Cultura
Elaboração do Dossiê Fotográfico de Diamantina para a UNESCO	Diamantina	Abril e junho/1998	CEMIG
Apresentação dos Dossiês à comunidade de Diamantina	Diamantina	12/09/1998	Prefeitura de Diamantina
Visita técnica dos representantes ICOMOS / UNESCO à Diamantina	Diamantina	5 a 7/02/1999	Prefeitura de Diamantina
Elaboração do Plano Diretor de Diamantina	Diamantina	Setembro/1999	Ministério da Cultura / EMBRATUR / Prefeitura
1º Fórum de Cultura, Turismo e	Diamantina	15 a 17/07/1999	FIEMG / FETRAN /

Desenvolvimento			CEMIG / Telemar / Jornal Hoje em Dia
1º Fórum de Turismo e Negócios	Diamantina	27 e 28/08/1999	Jornal Hoje em Dia / Loteria Mineira
Acompanhamento no Marrocos da Assembléia da UNESCO	Diamantina	1 a 5/12/1999	Prefeitura de Diamantina / Concita
Comemorações da conquista do título Diamantina Patrimônio Cultural da Humanidade	Diamantina	3 a 12/12/1999	Ministério da Cultura / Telemar / ECT

**Tabela 1: ações da campanha para Diamantina patrimônio da humanidade**

Fonte: Menezes, 2000, p. 46

A publicação afirma também que o processo para a declaração de Diamantina teve apoio em todos os âmbitos, nacional, estadual e municipal:

A campanha por Diamantina Patrimônio da Humanidade foi marcada pela ampla mobilização da comunidade do município em torno das perspectivas de novas alternativas econômicas e sociais para a região, num trabalho que envolveu o poder público das esferas municipal e federal, empresariado local e regional, movimentos populares e determinante apoio dos meios de comunicação de Minas, articulado por uma campanha de marketing bem sucedida. (MENEZES, 2000, p. 44)

Segundo a mesma reportagem foi feita uma pesquisa em Diamantina, em 1998, para conhecer o posicionamento da população acerca da concorrência ao título da UNESCO que teve como resultado a resposta positiva de 92% da comunidade diamantinense. O Jornal destacou ainda que a mobilização da comunidade também teria impressionado a comissão técnica da UNESCO e o fato foi registrado no relatório emitido pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios–ICOMOS, órgão ligado à UNESCO. Outro diferencial da campanha de Diamantina teria sido a participação da mídia, de empresas e do Ministério da Cultura que arcou com os custos para a elaboração do Dossiê elaborado pelo IPHAN. (MENEZES, 2000).

Com a inscrição na Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO a cidade foi obrigada a se adequar às exigências do órgão, no que diz respeito ao desenvolvimento da infraestrutura local e da estrutura turística. A mesma publicação do Jornal Hoje em Dia (CAMPOS, 2000, p. 39) aborda os desafios impostos pelo reconhecimento mundial, apresentados abaixo na primeira coluna da tabela 2. A fim de verificar a evolução do turismo diamantinense a partir do título de patrimônio da humanidade da UNESCO, foi realizada entrevista com o atual turismólogo da

Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Patrimônio, comparando na mesma tabela, as exigências impostas a Diamantina quando da obtenção do título, na primeira coluna, com as respostas do profissional acerca da situação atual, na segunda.

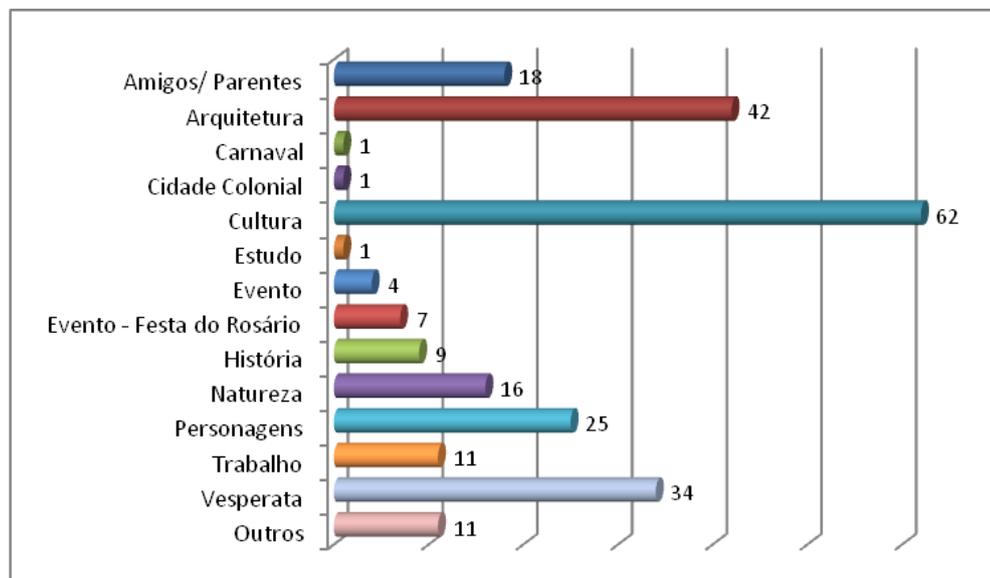
MELHORIA A SEREM FEITAS	CENARIO ATUAL
Deficiência no receptivo turístico (aeroporto).	Voos semanais regulares ligando Diamantina à Belo Horizonte e Montes Claros.
Escassez de leitos nos meios de hospedagem (18 estabelecimentos).	Diamantina conta hoje com uma estrutura hoteleira desenvolvida, cerca de 44 estabelecimentos com aproximadamente 1200 leitos.
Necessidade da diversificação no setor de bares e restaurante (70% especializado em comida mineira)	Hoje a cidade conta, além dos restaurantes de comida mineira, com um restaurante de gastronomia Árabe, Portuguesa, dois especializados em massa, entre outros.
Sistema incipiente de crédito	A maioria dos hotéis, restaurantes e lojas de artesanato já aceitam os principais cartões de crédito.
Asfaltamento das rodovias da região (Corinto, Montes Claros, Serro, Turmalina)	MG-214 e BR-241 foram totalmente asfaltadas, MG-10 e MG-220 estão em processo de asfaltamento.
Implementação dos Parques Nacionais do Biribiri e Itambé	Ambos os parques já recebem turistas e são comercializados por receptivos locais e de Belo Horizonte.
Tornar a Gruta do Salitre reserva de Proteção Ambiental (APA) e equipá-la com infraestrutura turística.	A gestão pública da Gruta foi cedida ao Instituto Biotrópicos que tem realizado ações para oferecer aos visitantes um atrativo seguro e com infraestrutura para visitação.

**Tabela 2: comparação das deficiências apontadas pela UNESCO com o cenário atual**

Fonte: Bulhões, 2011, p.32-33

Pode-se perceber, de acordo com a tabela acima, que houve considerável evolução na estrutura do turismo em Diamantina desde sua candidatura ao título de Patrimônio Mundial. Ainda que o foco deste artigo seja o desenvolvimento turístico decorrente de tal consagração, o título recebido por Diamantina também trouxe melhorias para a população em geral, como foi, por exemplo, o caso do asfaltamento das rodovias, ou da modernização das formas e condições de pagamento em todo comércio da cidade, mas foi especialmente o cenário turístico, nacional e internacional, que determinou as mudanças e melhorias na cidade.

Percebe-se que a projeção resultante do título de Patrimônio Cultural da Humanidade da UNESCO induziu o desenvolvimento para o turismo cultural da cidade, fato que pode ser verificado no Relatório da Pesquisa de Perfil da Demanda Turística Real de Diamantina e Região (2012), o qual mostra que as motivações dos turistas que visitam Diamantina são:



**Gráfico 1: Motivação geral da viagem**

Fonte: Silveira e Medaglia, 2012, p. 19

Percebe-se com clareza a concentração na motivação pela cultura de Diamantina, com destaque maior ainda quando somadas a arquitetura e a Vesperata, manifestações que fazem parte do conjunto cultural de Diamantina e que foram decisivas para o destino receber o título da UNESCO. O título vem, então, como instrumento incentivador do potencial já existente no destino e também como promotor de sua imagem.

Com o reconhecimento a cidade se junta à elite das 936 cidades Patrimônios da Humanidade, fato que, apesar de banalizado no dia a dia da cidade, representa uma conquista incalculável. Exemplificando, se as 936 cidades fossem todas no Brasil, representariam aproximadamente apenas 15% dos municípios brasileiros, o que por si só seria um privilégio; multiplicando esse percentual pelos 197 países membros das Nações Unidas torna-se um pouco mais clara a importância desse título e o que ele representa.

Evidentemente um privilégio dessa monta traz consigo uma grande responsabilidade. Nesse contexto, com o intuito de organizar e planejar a atividade turística que o título da UNESCO proporcionou à Diamantina é criada a Secretaria de Cultura e Turismo em 18 de julho de 2002, por meio da Lei nº 2766, que em 2005 é alterada pela Lei nº 3041 de 25 de outubro, que insere o setor de Patrimônio à Secretaria, que passa a ser chamada de Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Patrimônio. Isto quer dizer que a cidade, desde 2002, possui um órgão específico para acompanhar a dinamicidade da atividade turística à luz da cultura e do patrimônio locais, além de planejar sua divulgação, interceder por políticas específicas e necessárias para um bom funcionamento da atividade, bem como monitorar a situação da área tombada pelo IPHAN e intitulada pela UNESCO.

Novas oportunidades de desenvolvimento se solidificam com vistas à preservação do patrimônio e, como consequência, do aprimoramento da qualidade da experiência turística. No ano de 2002, a cidade recebeu incentivos do Monumenta, programa do Ministério da Cultura que procura conjugar recuperação e preservação do patrimônio histórico com desenvolvimento econômico e social. Ao longo dos anos, diversos atrativos foram restaurados, como foi o caso do Mercado Velho, Museu do Diamante, Cadeia Velha (hoje Teatro Santa Izabel), Igreja São Francisco, dentre outros, além de ter propiciado a reforma de diversos imóveis privados. O projeto ainda está atuante na cidade, com diversas ações em andamento além de centenas de projetos na lista de espera.<sup>6</sup>

Segundo a secretaria Municipal de Turismo,

No período de 15 de abril de 2006 a 15 de abril de 2007, os valores investidos chegaram a R\$ 420.369,55. As manifestações e atividades culturais realizadas na sede e nos distritos de Diamantina receberam da Prefeitura Municipal investimentos no valor de R\$ 371.403,90. Já os investimentos em bens culturais chegaram a R\$ 48.965,65.<sup>7</sup>

Em 2006 foi aberta a primeira turma do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM e no ano seguinte, Diamantina recebeu recursos do Programa de Desenvolvimento do Turismo do Nordeste (PRODETUR NE II), o qual tem por objetivo melhorar a qualidade de vida das pessoas, gerando maiores oportunidades de emprego,

<sup>6</sup> Disponível em <<http://www.monumenta.gov.br/site/>> Acesso em 20 de jun. de 2011.

<sup>7</sup> Disponível em <<http://www.diamantina.mg.gov.br/portal1/municipio/noticia.asp?ldMun=100131242&ldNoticia=81275>> Acesso em 20 de jun. de 2011.

qualidade nos serviços urbanos, e melhor qualidade no meio ambiente. Esse recurso teve como principal foco obras de implantação do sistema de esgotamento sanitário em Diamantina e Serro, e a pavimentação dos trechos Diamantina/Milho Verde<sup>8</sup>. Ainda em 2007., além da cidade ter sido escolhida pelo Ministério do Turismo para compor a lista dos 65 destinos indutores do turismo no Brasil - programa que contempla cidades com maior capacidade em gerar um fluxo internacional, reforçando assim a importância da cidade no cenário turístico nacional.<sup>9</sup>

Em 2010, a cidade assinou a adesão ao PAC Cidades Históricas, que visa à requalificação urbanística, atrair turistas e dinamizar a economia do entorno. Além disso, recebeu investimentos do governo para se aprimorar o padrão de qualidade dos sítios históricos, com recuperação de espaços públicos, acessibilidade, instalação de mobiliário urbano, sinalização, iluminação e internet sem fio, para estimular usos que garantam o desenvolvimento econômico, social e cultural. Para Diamantina estão previstos investimentos superiores a R\$ 4 milhões entre os anos de 2010 a 2013, que incluirão melhorias como a criação do Parque Municipal Serra dos Cristais, revitalização do Largo Dom João, implantação do plano de mobilidade e acessibilidade urbana no centro da cidade, dentre outros.<sup>10</sup>

A cidade tem se atentado para a importância do turismo, com especial destaque ao seu viés econômico e as oportunidades de financiamento público alcançadas em nome da atividade turística, conforme colocado nos parágrafos anteriores. Não surpreende que nessa área o turismo seja, atualmente, uma das principais atividades do município, que tem contribuído significativamente na geração de emprego, tendo em vista que a atividade está interligada a diversos setores, sendo o de comércio e serviços os mais destacados. Compreender o papel do turismo na economia de Diamantina passa também, por entender o processo que o impulsionou. Se o processo de formação da cidade consolidou características tão únicas que a elevaram a Patrimônio Mundial, a inscrição em si impulsionou a atividade turística, ampliando as opções oportunidades e gerando mais motivos para preservar a cultura local, que, por sua vez, atrai os turistas.

---

<sup>8</sup> Disponível em <<http://www.turismo.mg.gov.br/programas/outros-programas/944-estruturas-do-turismo>> Acesso em 20 de jun. de 2011.

<sup>9</sup> Disponível em <<http://www.65destinos.com/>> Acesso em 20 de jun. de 2011.

<sup>10</sup> Disponível em <<http://www.diamantina.mg.gov.br/portal1/municipio/noticia.asp?ildMun=100131242&ildNoticia=170270>> Acesso em 20 de jun. de 2011.

## Considerações Finais

Comparando-se com a trajetória de desenvolvimento, a representatividade do turismo entre as atividades de Diamantina é muito breve. A cidade apenas começa a se preparar para o aumento do fluxo turístico ocasionado principalmente pelo título concedido pela UNESCO, além de outros fatores de atração trabalhados no texto, mas apresenta uma solidez e características muito favoráveis à consolidação da atividade.

Não obstante, o fato de Diamantina ser Patrimônio Cultural da Humanidade não garante à cidade um turismo perene. Diamantina deve estruturar-se, profissionalizar-se e promover-se a fim de sobressair sobre destinos concorrentes e atrair, entre outros, o perfil de demanda que aprecia visitar os Patrimônios da Humanidade.

Entende-se que este artigo não abarque um escopo histórico amplo ou suficientemente profundo que permitisse ousar esgotar um assunto tão vasto. Ao contrário; tem-se claro que inúmeras são as limitações que impedem fazê-lo, entre elas o ponto de vista das fontes secundárias, que sempre direcionam as opiniões, mesmo buscando-se ao máximo uma análise sem vícios. Abrem-se, em relação a isso, oportunidades inúmeras em termos de pesquisa histórica direcionada ao turismo e outras atividades interdisciplinares que envolvam cultura e arte no seu uso contemporâneo.

Considerando o objetivo de relacionar a expansão mineradora com o atual cenário ao desenvolvimento turístico, pôde-se observar a forte influência do título de Patrimônio da Humanidade na consolidação do turismo. Além disso, apresentou-se a relação do isolamento de Diamantina com a singularidade cultural resultante, celebrada por sua importância. Se a mineração trouxe a população, o diamante financiou a cultura e a arte, o isolamento e os ciclos econômicos erráticos mantiveram a arquitetura. Ainda que possa ser óbvio para os iniciados, para os que têm o primeiro contato com Diamantina surpreende o fato da mineração não ser o principal atrativo do destino. Mesmo que o nome induza a crer que o diamante ainda seja abundante e que de alguma forma frequente o imaginário do visitante, os atrativos da cidade são as consequências da mineração e não a atividade em si.

Assim, é possível perceber com clareza a relação profunda entre o histórico da cidade, o título da UNESCO e a evolução do turismo em Diamantina.

**ABSTRACT:** The first records of settlements of Diamantina date back to the seventeenth century when explorers sought the region of Serro prospecting for gold. The later discovery of diamonds at Diamantina gave the city a major role in the Portuguese Empire, creating the threshold for the consolidation of the urban and architectural colonial group and unique way of life. These outcomes became the cause to another process, the inclusion in the list of world heritage centres of UNESCO, thus protecting heritage and developing cultural tourism. This article discusses, in an exploratory way, the relation of the historical development of the destination with the current tourism cycle defining culture as the main link between the mining activities and tourism. It is concluded that the declaration of World Heritage was, on the one hand, consequence of the historical process, but, on the other, the cause to structuring tourism, as well as encouragement for other initiatives.

**Key-words:** Diamantina, Mining, Culture, Heritage, Tourism.

## Referências

**65 Destinos Indutores.** Disponível em < <http://www.65destinos.com/>> Acessado em 20 de jun. de 2011.

BRAGA, Sylvia e MACHADO, Jurema. **Comunicação e cidades Patrimônio Mundial no Brasil.** Brasília: UNESCO, IPHAN. 2010.

BULHÕES, Nauê Gonçalves. **A importância do uso do símbolo da UNESCO na promoção de destinos turísticos patrimônio da humanidade: o caso de diamantina.** 94 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) - Faculdade Interdisciplinar em Humanidades, UFVJM, Diamantina, 2011.

CAMPOS, Virna. **Beleza pára no tempo de Diamantina.** Jornal Hoje em Dia – Edição Especial: Belo Horizonte. v.1, n.1, p. 7-42. Fevereiro, 2000.

**Circuito dos Diamantes.** Disponível em <<http://www.circuitodosdiamantes.tur.br/historico+circuito.php>>. Acesso em: 17 de jun. de 2011

Correspondência. **O Jequitinhonha.** Diamantina 20 dez. 1868. N. 19. p.01 a 04

CRUZ, José Paulo da. **Templo e Fraternidade: a igreja São Francisco de Assis em Diamantina**. Diamantina: Edição do Autor, 2008.

**Diamantina é a terceira cidade mineira que mais investe em patrimônio.**

Disponível em <<http://www.diamantina.mg.gov.br/portal1/municipio/noticia.asp?idMun=100131242&idNoticia=81275>> Acessado em 20 de jun. de 2011.

**Diamantina é Beneficiada com Recursos do PAC Cidades Históricas.**

Disponível em <<http://www.diamantina.mg.gov.br/portal1/municipio/noticia.asp?idMun=100131242&idNoticia=170270>> Acessado em 20 de jun. de 2011.

**Estruturas do Turismo.** Disponível em <<http://www.turismo.mg.gov.br/programas/outros-programas/944-estruturas-do-turismo>> Acessado em 20 de jun. de 2011.

FERNANDES, Antônio Carlos; CONCEIÇÃO, Wander José. **La Mezza Notte: o lugar social do músico diamantinense e as origens da Vesperata**. Diamantina: UFVJM, 2007.

FURTADO, Junia Ferreira. Chica da Silva: o avesso do mito. In: BRUSCHINI, Cristina e PINTO, Celi Regina (Org.). **Tempos e Lugares de Gênero**. São Paulo: Editora 34. 2001.

GOODWIN JR, James William. **Melhoramentos Urbanos e Política Local: o jornal "A Idéia Nova"**, Diamantina, MG, 1906-1910. In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. São Paulo, 2007.

HELIODORO, Afonso. **JK, exemplo e desafio**. Brasília: Thesaurus, 2005. 2ed.

IPHAN. **Diamantina**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=365>> Acesso em: 26 de jul de 2011.

IBGE. **Cid@des: Serro**. Disponível em [www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=316710](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=316710), acesso em 17 de fevereiro de 2012.

MAGNANI, Maria Cláudia Almeida Orlando. **Hospício da Diamantina: a loucura na cidade moderna**. Belo Horizonte: Argumentvm, 2008.

MARTINS, Marcos Lobato. **A crise dos Negócios do Diamante e as Respostas dos Homens de Fortuna no Alto Jequitinhonha, Décadas de 1870-1890**. Estudo Econômicos, São Paulo, v. 38, n. 3, P. 611-638, Julho-Setembro 2008

MARTINS, Marcos Lobato. **A Presença da Fábrica no Grande Empório do Norte: Surto Industrial em Diamantina entre 1870 e 1930**. In: IX Seminário sobre a Economia Mineira. Diamantina: CEDEPLAR/UFMG, 2000. Anais, V.2.

MATA MACHADO FILHO, Aires. **Arraial do Tijuco, Cidade Diamantina**. Rio de Janeiro: Ministério da educação e saúde, 1944.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Argentina e Brasil: a balança de poder no Cone Sul**. São Paulo, SP, Brasil : Annablume, 1996.

MENEZES, Denise. **Com o aval da Humanidade**. Jornal Hoje em Dia – Edição Especial: Belo Horizonte. v.1, n.1, p. 43-46 fevereiro, 2000

MIRANDA, Selma Melo. **A igreja de São Francisco de Assis em Diamantina**. Brasília: IPHAN, 2009.

**Monumenta**. Disponível em < <http://www.monumenta.gov.br/site/>> acessado em 20 de jun. de 2011.

**Os Patrimônios Culturais da Humanidade**. Disponível em <[http://www.braziltour.com/heritage/html/pt/pc\\_pch.php](http://www.braziltour.com/heritage/html/pt/pc_pch.php)> acessado em 20 de jun. de 2011.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira (org). **Turismo memória e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Roca, 2004.

RABELLO, David. **Os Diamantes do Brasil: Na regência e Dom João (1792-1816): um estudo de dependência externa**. São Paulo: Editora Arte & Ciência, 1997.

SANTOS, Joaquim Felício dos. **Memórias do Distrito Diamantino**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

SILVEIRA, Carlos Eduardo. MEDAGLIA, Juliana. (coord.) (2011-2). **Pesquisa de demanda real de Diamantina e região: características de viagem, motivações, percepções e expectativas**. Diamantina: UFVJM, 2012.

SOUZA JR., Ronaldo Flaviano de. **A Relação entre a igreja católica e o turismo: um estudo de caso do centro histórico de Diamantina**. 2011. 97p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Faculdade Interdisciplinar em Humanidades, UFVJM, Diamantina, 2011.

Texto acadêmico publicado em 10 de maio de 2012, na  
Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG –  
Brasil – Nº 01 – Ano I – 05/2012  
Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM –  
[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

